

O MANTO DE PENÉLOPE

Thais Nívia de Lima e Fonseca *

FURTADO, João Pinto. *O manto de Penélope*: história, mito e memória da Inconfidência Mineira de 1788-1789. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

Não obstante seja assunto conhecido por boa parte das pessoas, comemorado como episódio marcante da história brasileira e evocador do principal herói nacional, ainda causa estranhamento que se escreva, hoje, sobre a Inconfidência Mineira. Talvez pelo fato mesmo de sua ligação com uma história épica e exaltadora do nacionalismo, responsável pela formação moral e política dos brasileiros, vinculada a concepções tradicionais de história e politicamente conservadoras. Por isso o corajoso e louvável esforço de revisitação desse movimento, que marcou profundamente

o imaginário político brasileiro desde, pelo menos, o século XIX. *O manto de Penélope*, resultado do trabalho de doutorado de João Pinto Furtado, representa bem uma dessas mais recentes investidas.

O autor não procurou a inovação na descoberta de novos e inéditos documentos sobre a conspiração setecentista mineira, mas concentrou sua atenção na releitura das fontes já conhecidas e muitas delas bastante

* Doutora em História Social, Professora Adjunta de História da Educação – Faculdade de Educação / UFMG.

utilizadas, revalorizando-as pela análise mais crítica, pelo relevo dado a documentos menos explorados, e na articulação entre essas diversas fontes, à luz de uma interpretação mais relativizada. Inspirado por estudos já conhecidos entre nós, entre os quais é importante destacar o célebre e importante livro de Kenneth Maxwell, *A devassa da devassa*¹, João Pinto Furtado reuniu considerações que vêm sendo feitas há algum tempo sobre o caráter e objetivos dessa conspiração, mas que não chegavam a uma articulação que desse conta de suas múltiplas facetas. Alguns casos mais bem resolvidos, como por exemplo sobre a influência da independência das 13 colônias inglesas, os limites da influência do Iluminismo ou da idéia de implantação de uma república foram substancialmente enriquecidos com a discussão desenvolvida por Furtado. A análise atenta para as numerosas interpretações da Inconfidência Mineira, suas vinculações historiográficas e também políticas, e joga luz sobre os meandros da construção das versões de um episódio tornado emblemático e constantemente apropriado como instrumento de legitimação.

Algumas questões são particularmente interessantes, pois atacam diretamente os pilares que têm sustentado a memória da Inconfidência e, também, do mito Tiradentes. João Pinto Furtado afirma que

a diversidade do ambiente mineiro do final do setecentos não sustentaria a hipótese de um movimento coeso e unitário ideologicamente e, menos ainda, marcado pela idéia do nacional. Vista assim, a idéia de liberdade, por exemplo, adquire contornos diversos daqueles desenhados por algumas das obras mais célebres e tradicionais sobre a Inconfidência Mineira, como as de Joaquim Norberto de Souza Silva, Lúcio José dos Santos e Augusto de Lima Júnior², mesmo não deixando de expressar o desejo da independência, da separação de Portugal.

Para Furtado, os chamados textos iluministas, em voga na época e conhecidos por alguns inconfidentes, adquiriam diversos sentidos, conforme as referências, as experiências e os interesses de cada um. Assim, o tema da liberdade, para os inconfidentes mineiros, referia-se apenas às relações entre a metrópole e a colônia, não se definindo politicamente como princípio fundante da vida social. Para Furtado, a discussão de caráter

¹ MAXWELL, Kenneth. *A devassa da devassa: a Inconfidência Mineira, Brasil-Portugal, 1750-1808*. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

² SILVA, Joaquim Norberto de Souza. *História da Conjuração Mineira*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional 1948; SANTOS, Lúcio José dos. *A Inconfidência Mineira: papel de Tiradentes na Inconfidência Mineira*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1972; LIMA JÚNIOR, Augusto de. *Pequena história da Inconfidência de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1955.

político mais evidente acerca da Inconfidência Mineira é quanto à idéia da fundação de uma república e as relações desse “projeto” com o pensamento político da época. As concepções dos inconfidentes acerca da república teriam pouco a ver com o sentido atribuído pela historiografia tradicional, que identificou o desejo de implantação desse sistema de governo modelado pelo dos Estados Unidos da América. Os inconfidentes expressariam, na verdade, idéias de um momento de redefinição, considerando a república muito mais no sentido definido por Montesquieu, não obstante terem estabelecido contato com as idéias dos legisladores norte-americanos. Suas leituras, diversamente filtradas, teriam ajudado a conceber uma vaga proposta de governo na qual a idéia de liberdade nada teria a ver com democracia ou com alguma forma de república representativa.

Essa diversidade presente nas “propostas” da Inconfidência Mineira, expressão das diferentes formas de inserção de seus participantes na sociedade mineira do século XVIII, foi descortinada em *O manto de Penélope* também pela exploração mais detalhada de muitas trajetórias individuais, por meio do delineamento mais preciso do perfil dos principais inconfidentes, inclusive no diz respeito às suas condições materiais,

seus níveis de riqueza e de prestígio, suas ambições e interesses. Vem daí algumas das revelações mais surpreendentes, sobretudo para o grande público, que acostumou-se com a idéia de que Tiradentes foi condenado à morte por ser o mais pobre, menos amparado socialmente, tendo se tornado, por isso, o bode expiatório da coroa portuguesa. A análise dos bens dos inconfidentes, feita por João Pinto Furtado, demonstra que não somente essa “verdade”, como muitas outras construídas sobre a Inconfidência Mineira e seus personagens, não estão próximas do que apresentam as fontes.

Mérito incontestado da obra é demonstrar as possibilidades presentes no exercício de revisitação de temas consagrados na historiografia brasileira e, em muitos casos, marcados por um evidente preconceito da academia, resultado das suas trajetórias historiográficas e políticas. Esse é, claramente, o caso da Inconfidência Mineira, construída pela historiografia mais tradicional como o movimento mais emblemático da luta pela independência e da construção do sentimento nacional. Ela tem servido, desde o século XIX, aos mais diversos embates políticos, sendo apropriada principalmente pelas posições políticas mais conservadoras, aparecendo como um dos mais eficazes instrumentos de legitimação de posições e interesses,

estando presente ainda na educação moral e política das crianças e jovens nas escolas.

O diálogo com a historiografia levado a efeito por João Pinto Furtado em *O manto de Penélope* nos coloca, assim, novamente no enfrentamento de momentos da história brasileira que estão longe de se esgotarem como possibilidades de investigação, mesmo que já estejam aparentemente consolidados na historiografia e, mais ainda, na memória.

Data de recebimento: 15 de junho de 2003

Data de aprovação: 20 de junho de 2003